

IV JORNADA SUL-BRASILEIRA DE CARTÉIS  
2021

LUIS HENRIQUE SIERAKOWSKI

Tornar o luto uma coisa sublime

Já pararam para pensar que alguém, em um passado remoto, inventou de marcar com uma pedra o local de um sepultamento? Que alguém, pela primeira vez, escreveu numa pedra o nome do morto? O próprio nascimento da escrita, aliás, está associado às inscrições tumulares. O túmulo indica uma coisa oculta (o cadáver) e uma coisa que está perdida (a pessoa, enquanto vivente). É a presença de uma ausência. Mas, ao contrário do fetiche, que é deduzido de um todo e condensa um tipo particular de negação, o túmulo não é um traço destacado de uma cena – ele é uma produção nova, inaugura um novo estado de coisas, ao invés de tentar preservar as coisas como estavam. Hoje em dia não pensamos muito nisso, pois o túmulo se tornou algo que, de tão repetido, perdeu sua originalidade. Para a maioria de nós, um túmulo não será uma invenção, mas um rito – o que tem seu valor, sem dúvidas. Mas minha intenção não é falar dos ritos, e nem de túmulos, mas sim de um produto de luto, da inventividade que o luto pode comportar. Falamos no luto como algo que se faz, mas raramente o fazer é entendido como produção, ainda que o reconheçamos como um labor.

O que é que se faz quando se faz luto? O que é que o luto produz?

Vou tentar responder. Antes, porém, darei um passo trás e perguntarei o que é o luto, porque não acho que a resposta seja óbvia. Freud toma o luto como referência para decifrar sua contraparte desviante – a melancolia – e nesse processo faz afirmações que não se preocupa em fundamentar, pois vão pouco além do senso comum (psiquiátrico) de sua época. A teoria freudiana do luto é uma tradução do senso comum vitoriano ao léxico metapsicológico de Freud. Assim, podemos até partir de *Luto e Melancolia*, mas é preciso chegar em outro lugar.

Um fio a se puxar, e a partir do qual posso começar a abordar essa questão, é a afirmação de Allouch em *Erótica do Luto*: o luto é uma operação cinza, e não uma operação branca – isto é, o luto não tem como função restaurar um estado de coisas anterior à sua causa e, portanto, não tem como horizonte a substituição do objeto e nem o rechaço da perda. Ou seja, o luto opera com a asserção de uma perda irreparável – ou então é, ele mesmo, esse processo de asserção, coisa que nos leva à noção freudiana de prova de realidade.

A realidade – e sua percepção – é uma questão difícil em Freud, e entrar nela tornaria meu trabalho longo demais. Mas acho que é seguro partir de uma compreensão básica a

esse respeito, de que há uma primordial indistinção entre desejo e realidade. Isso não é prerrogativa do “primitivo” e nem da criança no auge do narcisismo primário, mas está presente em todo lugar onde há seres humanos. Mas se desejo e realidade estão fundamentalmente intrincados, como pensar a realidade sem solipsismo? Sabemos muito bem que ver o cadáver faz diferença, e que os ritos funerários têm efeitos. As circunstâncias sociais da morte, como defende Judith Butler no artigo *Violência, luto, política*, ditam as possibilidades do luto, pois participam de uma distribuição desigual do estatuto de pessoa numa sociedade. Há uma complexa dinâmica de reconhecimento no luto, tanto no sentido de o enlutado se reconhecer na perda quanto no sentido de ter a perda e o luto reconhecidos por outros, o que implica ser, ele mesmo, reconhecido, a nível social, como pessoa. A dor do luto pode ser solitária, mas a existência do luto é política. Tudo isso participa da realidade da perda, e não é algo que se produz na solidão, e nem do dia para a noite. Para que uma perda adquira o caráter de subtração, que a institui simbolicamente como realidade, e não como perturbação da realidade, é preciso um percurso de elaboração. A prova de realidade, nesse sentido, se recoloca a cada passo. Ela se estende por toda a duração do trabalho do luto, no qual a realidade da perda é construída, traço a traço, enlaçando público e privado. Em termos freudianos: o luto produz realidade psíquica. Em termos lacanianos: o luto, tal como a castração e a sublimação, produz uma nova posição subjetiva, correlata a uma falta. Assim, há no horizonte do luto a indexação, no psiquismo, da falta do objeto, de forma tal que o conjunto dos possíveis, e o campo circunscrito do impossível, sejam atualizados numa nova asserção da realidade.

Agora, é claro, preciso falar dessa subtração e, para isso, vou me referir a outro termo que acabo de utilizar: indexação. Falei que o luto indexa no psiquismo a falta do objeto. Aí começo a me afastar do debate de *Luto e Melancolia* e passo a circular num referencial mais tipicamente laciano. Esse termo, indexação, aparece em Lacan algumas vezes, quando ele está falando do falo negativado, grafado como  $(-\phi)$ . Tenho um exemplo, anedótico, que li em *Erótica do Luto*: alguém perguntou a Lacan onde está o falo no grafo do desejo. Lacan disse que o falo podia ser localizado em todo lugar onde se via a barra, pois esta indexa o falo ao denotar sua ausência. A indexação, nesse contexto, é a presença da ausência. Trabalhando com isso, Allouch propõe a saída do luto através da castração, isto é, de responder à perda sofrida com o repertório que temos para operar simbolicamente com a falta. Faz sentido, pois nossas relações (e a possibilidade de nos reconhecermos nelas) são mediadas por um prisma fantasmático, cujo referencial é o falo, que dá aos objetos da fantasia o que Allouch chama de “brilho fálico”. Assim,  $(-\phi)$  pode funcionar como uma espécie de túmulo

coringa, representante de um vazio, e o luto faria uma reencenação da castração, na qual o objeto perdido adquiriria um caráter de falo sacrificial. Mas nós sabemos que a castração, sendo algo eminentemente simbólico, é algo que não cessa de se produzir – e o mesmo vale para a subtração que advém do luto. Haverá sempre um resto, um umbigo do luto, um déficit de reconhecimento.

Com esse resto, não há nada que se possa fazer? Não há esgotamento do luto, mas isso não significa que não haja pontos de virada – como o falo sacrificial –, a partir dos quais algo se confirma, se faz realidade, no sentido forte do termo, isto é, integra o nó desejo/realidade, ao invés de perturbá-lo. Aqui reincide a noção de indexação. Embora o objeto seja irreduzível à contagem dos traços que o compõe, e a contagem seja sempre infinita, a falta do objeto pode ser denotada por um marcador de sua ausência. Sendo assim, vislumbramos outros percursos para o luto quando pensamos, por exemplo, na sublimação. Na lição 12 do *Seminário XIV*, Lacan diz que a sublimação *produz* algo que toma o lugar de  $(-\phi)$ . Pensando no jargão da sublimação, onde o objeto é elevado à dignidade da coisa, entendo que o objeto da sublimação reproduz, nele mesmo, a falta e, assim, é seu índice. Se levamos essa afirmação à sua radicalidade, diremos que a sublimação, tal como a castração, possibilita uma dada relação entre sujeito e objeto – o que faz dela um processo de subjetivação –, tendo a peculiaridade de prescindir de uma referência fálica para isso. Na mesma lição do *Seminário XIV*, Lacan usa o termo “sujeito da repetição” para introduzir uma dimensão do sujeito que é logicamente anterior ao sujeito do inconsciente e que está implicada no ato, enquanto este não pode ser pensado, senão a posteriori. É por aí que caminha a sublimação – ela é, antes, um ato. Depois, seu efeito, é subjetivação. A sublimação faz consistir um objeto cuja função não é sustentar um engodo – como o fetiche –, mas sim representar a falta, em sua radicalidade, no campo do inconsciente. E, ao prescindir da referência fálica para fazê-lo, constitui um gozo suplementar e abre um horizonte não-todo.

Agora, finalmente, posso retomar a pergunta a respeito da produção do luto. Pode haver um objeto que seja elevado à sua dignidade? É o que quero propor. A possibilidade de que se produza um índice, uma criação, certamente pela via do ato, como ocorre na sublimação. Aí entrariam as obras de luto: livros, poemas, músicas, memoriais, monumentos, epitáfios, obituários e outros atos que não esgotam, mas representam a perda e, assim, dão a ela contornos, tal como  $(-\phi)$  bordeia a castração. Tais objetos são uma produção, uma manufatura. São coisas que realizamos, e que marcam, para nós, que algo se perdeu. Denotam a falta do objeto e, assim, a representam. Não se trata, portanto, de representação, e sim de representância, semelhante à forma como o fetiche denota a falta do falo, ao mesmo tempo

em que a nega. A diferença é aquela que mencionei no começo: são túmulos. Ao invés de um traço retirado da cena, que congela as coisas como eram, trata-se de um traço *a mais*, uma invenção, que instaura uma nova posição subjetiva e, correlativamente, uma nova asserção da realidade.

Talvez a forma mais fácil de pensar isso seja uma nomeação (embora eu acredite que a obra de luto possa ser bem concreta, como por exemplo uma escultura, uma viagem, uma tatuagem, ou até um novo hábito). Mas, para mim, são nomes. Dou nomes aos meus lutos. Um deles se chama *Prato de Ossos*. Chamando-o assim, posso me endereçar a ele. Brigar com ele. Associar em torno dele. Posso produzir *n* sentidos, todos parciais, mas todos possíveis. Eventualmente, esse nome se tornou título de um livro, uma obra de luto: a pedra e o nome escrito na pedra, como dois tempos do túmulo. Mas *Prato de Ossos* não é um mero significante, e sim um índice. Eu o produzi, em ato de nomeação. Um ato, se quiserem, de tornar o luto uma coisa sublime.